

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE LINGÜÍSTICA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (2025)

BOY DODÓI: DISCURSOS SOBRE A MASCULINIDADE TÓXICA EM TIRAS CÔMICAS

BOY DODÓI: DISCOURSES ON TOXIC MASCULINITY IN COMIC STRIPS

Naiara Caroline de Sousa Amorim¹
Francisco Vieira da Silva²

Resumo: Partindo da ideia de que os discursos sobre a masculinidade tóxica têm-se expandido em diferentes instâncias midiáticas e tendo em vista que essa circulação tem alcançado variados campos, o trabalho se debruça sobre a questão da masculinidade tóxica no campo do humor gráfico. Desse modo, o estudo toma como objetivo principal analisar como se constituem discursos sobre a masculinidade tóxica em tiras cômicas da série *Boy Dodói*, compilação de tiras organizada pelas quadrinistas Helô D'Ângelo, Carol Ito e Bebel Abreu. O aporte teórico ancora-se predominantemente nos estudos de Foucault (2006; 2007; 2009; 2010), de Connel (1995), Connel e Messerschmidt (2013), de Saffioti (2015), dentre outros. A partir da análise de seis tiras da série antes mencionada, é possível destacar que a masculinidade tóxica é construída discursivamente como uma prática danosa que afeta não apenas os homens, mas provoca desequilíbrios nos relacionamentos afetivos, sobretudo porque que violentam as mulheres, inserindo-as num lugar de subalternidade.

Palavras-chave: Discurso; Humor; Masculinidade tóxica; *Boy Dodói*.

Abstract: Based on the idea that discourses on toxic masculinity have expanded across different media platforms and considering that this circulation has reached various fields, this study examines the issue of toxic masculinity in the realm of graphic humor. Thus, the main objective is to analyze how discourses on toxic masculinity are constructed in comic strips from the *Boy Dodói* series, a compilation organized by comic artists Helô D'Ângelo, Carol Ito, and Bebel Abreu. The theoretical framework is primarily grounded in the studies of Foucault (2006; 2007; 2009; 2010), Connell (1995), Connell and Messerschmidt (2013), and Saffioti (2015), among others. Based on the analysis of six strips from the aforementioned series, it is possible to highlight that toxic masculinity is discursively constructed as a harmful practice that affects not only men but also creates imbalances in affective relationships, particularly by subjecting women to violence and placing them in a position of subordination.

Keywords: Discourse; Humor; Toxic masculinity; *Boy Dodói*.

¹ Discente do curso de Letras-Português da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). E-mail: naiara.amorim@alunos.ufersa.edu.br.

² Docente do Departamento de Linguagens e Ciências Humanas (DLCH) da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). E-mail: francisco.vieiras@ufersa.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

A ideia de masculinidade, construída ao longo da história, é representada na sociedade e trabalhada através de incontáveis mecanismos. Mecanismos estes que são estruturados frente a diversos discursos, que emergem em múltiplas esferas, mantidos ou reforçados por instituições reorientados por movimentos sociais, avanços na comunicação digital e mudanças nas expectativas de gênero. Muito embora ainda seja comum a construção de dizeres e práticas que reforçam certos padrões hegemônicos de masculinidade nas mídias sociais digitais, plataformas como *Instagram*, *TikTok*, *YouTube* e *Twitter* têm desempenhado um papel importante na disseminação de debates sobre a chamada masculinidade tóxica. Alguns criadores de conteúdo abordam o tema, desmistificando comportamentos considerados prejudiciais e promovendo a disseminação de condutas mais saudáveis para os homens.

A masculinidade tóxica, foco do presente estudo, de modo geral, refere-se a um conjunto de normas de comportamento tradicionalmente atribuídas aos homens que reforçam atitudes prejudiciais tanto para si mesmos quanto para as pessoas com quem se relacionam. Essas normas estão fortemente ligadas à inibição emocional, à agressividade, à competitividade exagerada, à dificuldade em demonstrar fraqueza e ao controle nos relacionamentos interpessoais, sobretudo quando envolvem relacionamentos afetivos.

A masculinidade tóxica surge quando se espera que o homem negue vulnerabilidades, veja seus semelhantes como rivais ou subordinados e use a força física ou o controle mental como expressões de valor. Esse modelo limita identidades, alimenta desigualdades e perpetua ciclos de sofrimento emocional e social. Ser tóxico, nesse contexto, não é uma característica inata, mas uma construção que precisa ser questionada e transformada. Nas palavras de Oliveira e Santos (2022, p. 138), a masculinidade tóxica corresponde “[...] ao fato de o homem não só praticar ações nocivas e destrutivas consigo, com o outro e com as coisas do mundo, como também considerar isso como normal e incentivar, propagar, defender ou manter tais práticas”.

Partindo disso, o interesse pela compilação das tiras da série *Boy Dodói* justifica-se pela possibilidade de refletir sobre essa temática, vislumbrando o humor como uma estratégia de resistência às relações de poder da sociedade patriarcal, que é caracterizada, justamente, pela predominância do poder masculino, enquanto as mulheres são relegadas a papéis secundários ou subordinados. Segundo Saffioti (2015, p. 145), “o patriarcado refere-se a milênios da história mais próxima, nos quais se implantou uma hierarquia entre homens

e mulheres, com primazia masculina”. Essa organização é sustentada por valores que reforçam a naturalização da autoridade masculina, a divisão sexual no campo do trabalho e, conseqüentemente, a desvalorização do papel feminino. Ainda conforme Saffioti (2015, p. 49), “o patriarcado não abrange apenas a família, mas atravessa a sociedade como um todo”.

Esta pesquisa se torna viável na medida em que analisa, sob a ótica dos estudos do discurso, uma temática social de relevância, que é a resistência contra a masculinidade tóxica. Esse tipo de masculinidade busca manter, assim como defende Foucault (2009), uma ordem do discurso, em que o masculino é tido como preponderante. Essa ordem, no entanto, é refutada pelas mulheres criadoras da série de tiras *Boy Dodói*, por meio de outras vontades de verdade. Daí o impacto da pesquisa, pois traz à tona o que Foucault (2009) chama de “ponto de ruptura” das relações de dominação.

Diante dessa premissa, a pesquisa tem como foco temático principal os discursos de mulheres acerca da masculinidade tóxica, levando em consideração a série *Boy Dodói*, que traz humor e criticidade a posturas masculinas tóxicas e surge como uma exploração criativa de materiais culturais, como as tiras cômicas, que funcionam como um meio eficaz na constituição de contradiscursos, uma vez que se valem do riso para costurar narrativas mais complexas. O objetivo geral do trabalho consiste em analisar a construção de discursos sobre a masculinidade tóxica em tiras cômicas da série *Boy Dodói*. Os objetivos específicos estão pautados em: a) descrever as condições históricas que possibilitam a emergência da masculinidade tóxica na atualidade; b) investigar como o discurso humorístico da série *Boy Dodói* produz posicionamentos discursivos acerca da masculinidade tóxica.

A série de tiras criada e editada por mulheres ilustradoras, como Bebel Abreu, Carol Ito e Helô D'Angelo, foi publicada em 2023 e reúne uma série de histórias reais que utilizam uma estrutura narrativa para explorar, de maneira irônica, como a masculinidade tóxica se manifesta nas relações do cotidiano. O projeto cria uma espécie de diálogo no qual os leitores e, principalmente, as leitoras, podem reconhecer comportamentos problemáticos que, por muitas vezes, são normalizados nas relações afetivas, configurando, assim, diversas maneiras de abusos e violências. Ao usar o humor e a ironia, as tiras não apenas refletem, mas intervêm nos debates contemporâneos sobre gênero e relações de poder.

Em contextos como o das tiras cômicas da série *Boy Dodói*, essas atitudes são inseridas em questão por meio de uma linguagem que liga o cômico ao crítico, revelando os impactos desses comportamentos machistas na sociedade contemporânea. A coletânea de histórias foca em aspectos como a falta de responsabilidade com o emocional alheio, o

egocentrismo e a manipulação, traçando um paralelo com as estruturas de poder patriarcais que influenciam a construção dessa identidade masculina.

Ao fazer isso, as histórias não só discutem o problema, mas demonstram que essas formas de masculinidade podem e devem ser questionadas e desconstruídas. A abordagem cômica das tiras, ao mesmo tempo em que provoca riso, causa desconforto e reforça o caráter provocativo da obra. Segundo as organizadoras da obra, *Boy Dodói* “pretende ser uma publicação que oferece acolhimento, leveza e afeto para as vítimas desses homens, um espaço de riso e choro compartilhado que tem potência de fazer as coisas mudarem” (Abreu; Ito; D’Ângelo, 2023, p. 9).

Interessa-nos investigar não o que é dito nas tiras, mas as práticas discursivas subjacentes que revelam como se constrói e atua a masculinidade tóxica. Por meio da lente da análise do discurso foucaultiana, examinamos as regularidades discursivas, as formas de poder e as resistências presentes nos enunciados que compõem essas narrativas cômicas.

O *corpus* do estudo é composto por sete tiras retiradas do livro *Boy Dodói*: histórias reais e ilustradas sobre masculinidade tóxica. Cada tira foi estudada, de modo a observar o diálogo e a construção da crítica social, permitindo uma visão mais ampla de como as autoras mobilizam o humor como ferramenta de resistência e de transformação social, tensionando a problemática da masculinidade tóxica de maneira provocativa.

De início, iremos discutir sobre o discurso, o enunciado e as relações de poder e resistência. Adiante, tratamos da questão da masculinidade tóxica e do humor como forma de resistência. Em seguida, analisamos as tiras selecionadas, tendo como aporte as discussões desenvolvidas na seção teórica. Para finalizar o estudo, traçamos algumas reflexões com feições conclusivas.

2 ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE DISCURSO, ENUNCIADO, PODER E RESISTÊNCIA

Para Foucault (2010), o discurso considera as condições sociais e históricas que sustentam o que é dito, o que nos leva a pensar que o discurso se relaciona com a cultura, com a sociedade e com a história. Para esse pensador, é importante ir além do aspecto linguístico e entender o discurso na sua emergência de acontecimento, ou seja, estabelecer as condições de possibilidade responsáveis pela irrupção do discurso num tempo e num lugar específico.

Logo, ao analisarmos as materialidades discursivas nas tiras da série *Boy Dodói*, será possível problematizar as condições por meio das quais a masculinidade tóxica é construída.

Entenderemos, assim, por que a masculinidade tóxica não é um fenômeno dado, senão uma prática discursiva que faz funcionar e ao mesmo tempo molda as dinâmicas de poder e das identidades de gênero.

Conforme Foucault (2010, p. 31), a análise do campo discursivo precisa ocorrer do seguinte modo: “trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa e de estabelecer suas correlações com os outros enunciados”. Isso posto, é importante compreender que, de acordo com Foucault (2010), o discurso é compreendido como uma prática que constrói os elementos de que fala e que tem suas próprias formas de encadeamento e de sucessão. Formado por enunciados que pertencem a uma mesma formação discursiva, o discurso opera de maneira descontínua, articulando-se às normas sociais e aos saberes de cada época.

Nesse sentido, o enunciado constitui uma noção de extrema relevância na construção da proposta investigativa foucaultiana, pois se trata da unidade mínima de análise a representar uma função que cruza diferentes domínios, como a frase, a proposição e o ato de fala (*speech act*). Embora não se confunda com essas unidades distintivas, o enunciado dá condição para que esses conjuntos de signos possam se atualizar. Diferencia-se da frase, pelo fato de não seguir uma construção linguística canônica, da proposição por não ser validado por critérios de verdade e falsidade e dos atos de fala porque não se busca analisar as condições de felicidade para a efetivação do ato ilocucionário ou ainda as intenções dos interlocutores.

Em Foucault (2010), vemos que o enunciado é composto pelas seguintes propriedades: referencial, posição de sujeito, campo associado e materialidade repetível. O referencial não diz respeito a coisas, seres, fatos ou realidades, mas aquilo que forma o “lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos e dos objetos, do estado de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado” (Foucault, 2010, p. 103).

Já a posição de sujeito distingue-se do sujeito gramatical da primeira pessoa, da instância autoral e do indivíduo real que produziu o enunciado, pois se trata de um posicionamento assumido para ser sujeito de um dado discurso. Nas palavras de Foucault (2010, p. 105), “[...] o sujeito do enunciado é uma função determinada, mas não forçosamente a mesma de um enunciado a outro”. Além disso, num mesmo enunciado, podem figurar diferentes posições de sujeito. Em resumo, tendo como aporte as reflexões de Foucault (2010), entendemos que descrever o enunciado não consiste em estudar as relações entre o autor e o que ele quis dizer – ou mesmo não disse – mas estabelecer qual a posição que pode ocupar todo indivíduo para ser considerado sujeito do enunciado.

Em relação ao campo associado, vale destacar que se trata de analisar que tipo de relação o enunciado mantém com enunciados já produzidos antes e os que estão por vir, de modo a observar o funcionamento de uma cadeia de enunciados, de um campo adjacente. Assim, de acordo com Foucault (2010), o enunciado tem as suas margens povoadas por outros enunciados, com os quais dialoga, concorda, discorda e/ou contesta, porque sempre “[...] o enunciado [está] fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo” (Foucault, 2010, p. 112).

No que concerne à materialidade repetível, importante dizer que refere à existência material do enunciado. Para adquirir o *status* de enunciado, há a necessidade de um suporte, de uma data, de um local e de uma substância, a partir dos quais o enunciado pode ser repetido, transcrito, reproduzido, em diferentes momentos, espaços ou até mesmo em línguas também distintas, mas sem perder a sua identidade. Nos termos colocados por Foucault (2010, p. 118), “o enunciado [...] aparece com um *status*, entra em redes, se coloca em campo de utilização, se oferece a transferências e a modificações possíveis [...]”.

No lastro teórico de Foucault, o discurso relaciona-se com o poder, pois este opera a partir do discurso. De acordo com Foucault (2006), o poder não é a origem e nem a fonte do discurso, senão um dispositivo estratégico por meio do qual o discurso atua. Na aula inaugural realizada por Foucault, no Collège de France, em dezembro de 1970, o autor francês pondera que o discurso é objeto de poder e de disputa política. Por isso, criam-se mecanismos que são voltados a processos de inclusão/exclusão dos discursos e de rarefação dos sujeitos que falam. Em outras palavras, não se pode dizer tudo em qualquer circunstância e nem todos estão autorizados a enunciar e ter o seu dizer credenciado e validado. Segundo Foucault (2009, p. 8-9), “a produção do discurso é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus perigos e poderes”.

O poder, na ótica foucaultiana, não é visto sob o prisma da repressão/proibição e não se limita à questão do direito ou da economia ou ainda das instituições, como o Estado, a religião, a escola, mas é concebido em sua natureza microfísica, ou seja, se espalha por todas as relações sociais. Conforme Foucault (2006), as relações de poder se multiplicam entre as relações travadas entre homens e mulheres, professores e alunos, pais e filhos, dentre outros tipos de relações. De acordo com Foucault (1995, p. 247), “o exercício do poder não é um fato bruto, um dado institucional, nem uma estrutura que se mantém ou que se quebra: ele se elabora, se transforma, se organiza, se dota de procedimentos mais ou menos ajustados”.

Esse funcionamento do poder opera de tal maneira que só pode se efetivar quando existe a possibilidade de resistência, de confronto e de luta. Para Passetti (2020, p. 64), “Foucault

abriu veredas para as análises das resistências, de contrapoderes restituidores e reformadores, de antipoderes”. Seguindo essa compreensão, pode-se destacar que as resistências são “[...] o outro termo das relações de poder; inscrevem-se nestas relações como interlocutor irreduzível” (Foucault, 2007, p. 90-91). São pontos móveis de fuga que reposicionam as relações de poder. Por vezes, essas resistências podem se configurar em revoltas ou rebeliões, mas também podem ser “transitórias, que introduzem na sociedade clivagens, que se deslocam, rompem unidades e suscitam reagrupamentos” (Foucault, 2007, p. 91). Qual seja o nível, o que se constatar é que as estratégias de resistências são correlatas das relações de poder e, com isso, não se trata de algo externo ao poder, mas parte integrante do seu funcionamento.

3 SOBRE A MASCULINIDADE TÓXICA E O HUMOR COMO FORMA DE RESISTÊNCIA

A masculinidade pode ser conceituada como uma construção histórica e cultural que se manifesta por meio de práticas e representações sociais a respeito dos homens. Nesse sentido, foge de qualquer essencialismo e possíveis determinações biológicas, já que é produzida e reiterada por meio de códigos normativos de gênero. Como uma prática profundamente marcada pela cultura, não é a mesma de um espaço a outro, de uma temporalidade a outra, no entanto, podem-se identificar determinados traços em comum. De acordo com Gabriel e Navarro (2023, p. 318), a masculinidade atravessa diferentes domínios de conhecimento e de práticas sociais, “sendo construída e mantida por meio de uma rede complexa de discursos, práticas e relações de poder que se entrelaçam mutuamente”.

Estudos como o de Connel (1995) e Connel e Messerschmidt (2013) enfatizam a importância de se compreender as multiplicidades que caracterizam a masculinidade. Assim, esses autores destacam o funcionamento da masculinidade hegemônica, tida como um ideal ao qual os homens almejam alcançar. Na perspectiva desses autores, “[...] ela [a masculinidade hegemônica] exige que todos os homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens”. Todavia, ainda de acordo com esses estudiosos, a masculinidade hegemônica é relacional, pois depende de outras práticas da hierarquia de gênero para que possa se manter como tal, a exemplo da cumplicidade das masculinidades subordinadas, o apoio de masculinidades periféricas, o agenciamento das mulheres, além de questões culturais e políticas que fazem com esse modelo de masculinidade seja revisto, sobretudo por meio da reivindicação de novas formas de existência dos sujeitos que se identificam como homens.

Connel e Messerschmidt (2013) enfocam que a masculinidade hegemônica pode ser situada em três espaços que se conectam: locais, regionais e globais. As masculinidades locais são construídas no âmbito da família e de organizações e comunidades mais imediatas; as regionais são emolduradas no âmbito das culturas de certas regiões específicas; as globais correspondem às configurações de arenas transnacionais, políticas e midiáticas e comerciais resultantes do fenômeno da globalização.

Nesse panorama, situamos a masculinidade tóxica como um sintoma da masculinidade hegemônica, pois se trata do reconhecimento de atitudes e práticas nocivas aos homens e às pessoas que os rodeiam. A masculinidade tóxica encontra as condições necessárias de surgimento na conexão do feminismo com uma cultura terapêutica (Illouz, 2012), a partir da qual publicizar abusos e condutas violentas no âmbito dos relacionamentos afetivos torna-se uma tônica. De modo mais ampliado, a identificação de comportamentos considerados violentos se espalha por outras esferas da vida e disso resulta a ênfase no aspecto “tóxico” e suas derivações: relacionamento tóxico, boy tóxico, amizade tóxica, ambiente de trabalho tóxico, dentre outras. Para Casadei e Kudeken (2020), o caráter clínico da masculinidade tóxica apresenta um teor normativo formado por discursos advindos de campos exteriores à cultura terapêutica, como a moral, a política, a cultura, entre outros.

De acordo com Cabrera (2023), o emprego do termo masculinidade tóxica remonta ao movimento Mitopoético dos Homens, que surgiu nos Estados Unidos, em meados da década de 1980. O principal objetivo do movimento consistia em reunir homens para que pudessem resgatar, por meio de ritos de passagem, uma masculinidade primitiva e supostamente mais saudável, menos hostil e violenta. No entendimento de Nascimento (2024, p. 335), “a crise da masculinidade moveu os homens a buscarem o resgate da ‘masculinidade primitiva’, afirmando que estariam vivendo uma masculinidade tóxica”.

Mais recentemente, conforme discute Cabrera (2023), a questão da masculinidade tóxica ganhou ênfase com o movimento *Me Too*, iniciativa feminista contra o assédio e a agressão sexual. A notoriedade internacional do movimento pode ser percebida em 2017, quando a atriz estadunidense Alyssa Milano acusou o produtor de Hollywood Harvey Weinstein de assédio sexual e estimulou que demais mulheres vítimas desse crime denunciassem seus agressores nas redes sociais por meio da *hashtag* #MeToo. Esse episódio foi responsável pela emergência de um debate vigoroso sobre condutas masculinas tidas como inconvenientes e violentas, mas, de algum modo, naturalizadas e até silenciadas pelas vítimas. Nesse sentido, a construção de discursos sobre a masculinidade tóxica tornou-se mais presente, tornando esse objeto de discurso central no interior das práticas discursivas, sobretudo nas mídias digitais.

Entendendo que a masculinidade constitui um conjunto de práticas construídas e transformadas no decorrer do tempo (Connel; Messerschmidt, 2013), o debate sobre a masculinidade tóxica busca, no fim das contas, propor outras formas por meio das quais o sujeito masculino pode se relacionar consigo mesmo e com os demais, no exercício de uma prática de liberdade e de reflexão que lhe permita desprender-se de normas tradicionais de gênero causadoras de sofrimento, de violência, de risco e de autorresponsabilização.

Vale pensar que esse debate não ocorre sem abalar as estruturas que sustentam as hierarquias de gênero e os mecanismos de dominação. De acordo com Gabriel e Navarro (2023), a resistência e a transformação das normas de gênero levam a uma divisão entre atitudes, pois, se por um lado, acentuam-se ações e repertórios de manutenção da masculinidade produzida pelo poder patriarcal, por outro lado, surgem contracondutas possíveis a essas normas, fazendo aparecer, com isso, a figura do “novo homem”, a qual articula outros modos de pensar “sobre si mesmo, sobre o mundo, supostamente, com ideais mais progressistas, mais articuladoras e não preconceituosas” (Gabriel; Navarro, 2023, p. 309).

Na construção dessas contracondutas, emerge uma crítica à masculinidade tóxica, o que faz funcionar estratégias de resistência e de enfrentamento a essas normas. Nesse sentido, situamos o humor como uma ferramenta de contestação e de luta. Apesar de reconhecermos, na esteira de Eagleton (2020), que o humor pode também fortalecer práticas de opressão, enfocaremos aqui o efeito subversivo e mordaz que os discursos humorísticos podem gerar. Dessa forma, cremos que o humor praticado por mulheres tende a transgredir práticas historicamente assentadas que as colocam numa posição de subordinação. Conforme destaca Pires (2019, p. 75), o humor gráfico de autoria feminina emoldura “[...] uma forma inusual de crítica dos padrões e modelos instituídos, assim como dos sistemas de ordenamento político e sociais estabelecidos, constituindo um humor subversivo e político”.

Crescêncio (2018) defende que as mulheres, ao longo da história brasileira, foram invisibilizadas como produtoras do humor gráfico, mas isso não significa dizer que elas não tiveram uma atuação importante no decorrer do tempo. Para a autora, periódicos independentes vinculados ao movimento feminista, a partir da segunda metade do século XX, foram os suportes precursores para a circulação do humor de autoria feminina e, desde essa época, as mulheres já se valia do humor como uma ferramenta de combate aos autoritarismos do regime militar e, como desdobramento, os mecanismos de opressão operados sobre as mulheres.

Desde então, e mais intensamente com o advento da internet, Pires (2019) assinala que o humor gráfico de autoria feminina tem adotado um viés transgressor e subversivo, ao

problematizar padrões normativos impostos às mulheres, por meio da desconstrução de discursos e formas essencializadas de compreensão das mulheres e também dos homens.

Podemos inserir, nessa perspectiva, as tiras da série *Boy Dodói*, uma vez que essa coletânea, sob o prisma do humor autoria feminina, traz ao debate condutas masculinas que causam sofrimento e violência às mulheres, especialmente no universo das relações amorosas e afetivas.

4 OS DISCURSOS SOBRE A MASCULINIDADE TÓXICA NA SÉRIE DE TIRAS *BOY DODÓI*

Antes de introduzirmos as análises, consideramos apropriado fundamentar acerca do conceito de tira cômica, aqui empregado conforme a definição proposta por Ramos (2011), para quem a tira centra-se numa narrativa de humor com desfecho inesperado e, por isso, usar o termo tira cômica cumpre a função de realçar o elemento do humor nela recorrente e mostra-se uma tradução propícia para o termo *comic strips*, expressão em língua inglesa da qual se origina.

Conforme Ramos (2011), as principais características das tiras cômicas são as seguintes: a) apresentam um formato fixo e padronizado; b) o comum é o emprego do formato horizontal, com uma ou duas tiras; c) a tendência é o uso e poucos quadrinhos, o que constitui uma narrativa mais curta; d) também é comum que sejam imagens desenhadas; e) nos jornais, tende a aparecer o nome do autor acima da tira (no caso de *Boy Dodói*, essa norma prevalece); f) os personagens podem ser fixos ou não; g) há prevalência da sequência narrativa com uma sequência mais ou menos definida, com início, meio e fim.

Ainda é importante registrar que algumas das tiras presentes na coletânea *Boy Dodói* também foram publicadas nos perfis do *Instagram* de algumas das criadoras, o que mostra que o espaço digital tem sido um recurso indutor para a divulgação do trabalho dessas artistas, para a ampliação de um capital social que as redes sociais podem acarretar, diversificando, assim, o alcance do público (Figueira; Ramos, 2023).

A coletânea *Boy Dodói* é composta por doze narrativas que compõem o mesmo número de tiras que podem ocupar de duas até quadro páginas do livro. Entretanto, na versão em *e-book*, consta na parte final da obra, uma seção com tiras menores, intitulada Grito Coletivo. De acordo com as organizadoras, trata-se um conteúdo extra que não se faz presente no livro impresso. Como são tiras menores, com cerca de quatro a seis quadros, julgamos pertinente analisá-las neste texto, respeitando a reprodução nos limites do gênero artigo científico.

Assim sendo, partimos para a análise da primeira tira.

Figura 1 – Tira 1: Almocinho, relato de Dionisyos

ALMOCINHO, relato de Dionisyos



Fonte: Abreu, Ito e D'Ângelo (2023, p. 81).

Todas as tiras reunidas na coletânea *Boy Dodói* resultam de relatos de mulheres de diferentes partes do Brasil enviados pelas redes sociais das organizadoras da obra. Algumas delas se identificam nominalmente, outras usam pseudônimos. Por tal razão, são narrativas de situações conflituosas vivenciadas por essas mulheres na relação com os homens (quase sempre referidos pelo termo “boy”) – mote da masculinidade tóxica. Assim, na primeira tira, o acontecido gira em torno de um convite feito pelo parceiro amoroso para um almoço na casa dele. No primeiro quadrinho, num balão de pensamento, a jovem aprova a atitude do seu pretendente, a quem atribui o adjetivo fofo. A partir do segundo quadrinho, a expressão da mulher é de impaciência, tendo em vista que a conversa se estende e o almoço não é servido. Isso é discursivizado na tira pela imagem do relógio que, na terceira tira, se amplifica com a onomatopeia do tic tac. Como o homem olha fixamente para ela e de forma séria, gera-se um sentimento de apreensão. No último quadrinho, porém, o suspense é revelado e o inesperado acontece: ele pergunta quando ela irá começar a cozinhar.

O humor da tira ancora-se nessa situação inusitada do último quadro, pois não se espera que nenhum convidado prepare a refeição. Essa conduta do personagem masculino articula-se ao funcionamento da masculinidade tóxica, uma vez que atribui exclusivamente à mulher a

execução dos serviços domésticos, dentre os quais se inclui a tarefa de cozinhar. Dessa maneira, mesmo que seja a mulher a convidada, cabe a ela preparar a comida para o casal.

Vemos na materialidade discursiva da tira, a emergência de posição de sujeito que não somente narra um episódio, mas, ao finalizar a sequência de quadros, com a pergunta inapropriada do personagem masculino, engendrando o efeito de humor, suscita um debate sobre a masculinidade tóxica, mais precisamente sobre os mecanismos que a sustentam. Podemos, portanto, pensar que o humor se configura como uma estratégia de denúncia de relações de poder que geram comportamentos e atitudes consideradas abusivas para as mulheres.

Na tira a seguir, essa estratégia também é convocada. Vejamos:

Figura 2 – Tira 2: Editora, relato de Monique Malcher
EDITORA, relato de Monique Malcher



Fonte: Abreu, Ito e D'Ângelo (2023, p. 87)

Nessa segunda tira, o foco situa-se na questão da escrita de autoria feminina. O personagem masculino, no segundo quadro, ao dizer que a mulher escreve igual homem, nega a existência da escrita feminina, tratando-a como uma imitação da escrita dos homens, subordinando, assim, as mulheres às relações de poder patriarcais. Numa filiação de sentidos, o enunciado “escreve igual homem” confere ao masculino uma conduta a ser espelhada, uma prática a ser reproduzida, e, dessa forma, delega um lugar periférico para as mulheres, pois estas só existem porque tomam o modelo masculino como um parâmetro. Esse enunciado, num

campo associado, tece relações com outros, tais como “lute igual homem”, podendo ser parafraseado e repetido das seguintes maneiras: “lute como um homem”, “comporte-se como um homem”, dentre outras possibilidades, mais uma vez dando o destaque ao gênero masculino enquanto norma a ser seguida.

Ainda na análise da tira, como se a ofensa mascarada num suposto elogio não fosse o suficiente (“escreve igual homem”), o rapaz ainda solicita que a personagem feminina intermedeie uma possível publicação de um manuscrito escrito por ele. Com isso, podemos identificar que a personagem feminina sente-se “usada” por meio de uma relação que desliza do campo afeito para uma transação comercial, para um negócio.

A masculinidade tóxica, na tira em análise, é construída discursivamente a partir de duas condutas: a) o menosprezo à escrita de autoria feminina; b) o aproveitamento de uma conexão afetiva para fins comerciais. O humor da tira é acionado por meio dessa sucessão de desconfortos, intensificados pelo fato de a jovem ter que custear financeiramente o retorno do rapaz para casa, pagando o transporte por aplicativo. O termo “desgraça” empregado na posição de sujeito que narra a história resume o sentimento de frustração da personagem feminina e categoriza o modo como o sujeito homem é discursivizado na tira. Tudo isso colabora para que o humor seja compreendido como uma ferramenta de crítica social e de debate sobre questões relativas às desigualdades de gênero. Como ressalta Pires (2019), o humor gráfico de autoria feminina busca superar preconceitos e expectativas de gênero, denunciando os mecanismos de opressão da mulher.

Em prosseguimento, temos a terceira tira.



A partir de Connel e Messerschmidt (2013), entendemos que as relações de gênero são marcadas por constantes tensões e, no caso da tira em estudo, essas tensões resultam em conflitos que acabam por finalizar um relacionamento afetivo. De acordo com a posição de sujeito da tira, o embate final ocorre após uma série de idas e vindas e de abusos psicológicos considerados típicos de uma relação abusiva. Na construção discursiva da tira, vemos que a mulher adota um posicionamento contrário ao seu parceiro, o que gera neste um sentimento de raiva e de contrariedade. Na visão dele, esse comportamento feminino é tido como um insulto a sua autoridade, o que deixa em foco como a masculinidade tóxica pode ser observada no conflito desencadeado na tira.

Na terceira tira, o homem chega à conclusão de que a ausência de submissão por parte da mulher é responsável pela dificuldade em manter um relacionamento com ela. Nesse aspecto, a personagem feminina afirma concordar com ele, pois não se situa nesse lugar de submissão. O humor na tira advém do caráter inusitado desse ponto em comum entre as personagens que estão o tempo todo vivenciando conflitos. A constatação do homem de que a mulher é insubmissa e a identificação dela com essa constatação ilustram o funcionamento das relações de poder e das estratégias de resistência, conforme discute Foucault (2007).

Para o pensador francês, as relações de poder não podem existir senão a partir de pontos de resistência e estas podem desempenhar o papel de alvo, de adversário ou de apoio, presentes em toda a rede de poder (Foucault, 2007). Pensando na tira, a resistência se situa na insubordinação da mulher em não se deixar ser conduzida do modo como o homem quer, ou seja, a partir de uma posição de subordinação à autoridade masculina. Nesse sentido, a simples discordância por parte dela em uma discussão (“numa conversa comum”, conforme é descrito na tira cômica) já é o suficiente para que ele conclua que existe a impossibilidade de manter uma relação afetiva com a mulher.

Figura 4: Tira 4: Safadona, relato de Bel.

SAFADONA, relato de Bel



Fonte: Abreu, Ito e D'Ângelo (2023, p. 85)

Na tira antes expressa, temos um julgamento masculino em relação ao corpo feminino. O personagem masculino coaduna com um discurso que concebe a mulher tatuada como “safada”, evidenciando o funcionamento de relações de poder a incidirem sobre o corpo e a subjetividade da mulher. A personagem feminina, por sua vez, resiste a esse processo de objetivação e de controle patriarcal e, no último quadrinho, incorpora para si o que seria o rótulo de “safada”, rejeitando, assim, as insinuações do seu “boy”.

A masculinidade tóxica na tira se manifesta pela tentativa, por parte do homem, de moldar o corpo e a sexualidade feminina por meio de uma norma que gera processos de exclusão/inclusão, ou seja, o “safada” constitui uma classificação que inclui e exclui as mulheres, dividindo-as segundo um julgamento feito principalmente pelos homens, em um viés sexista, portanto. Como lembra Saffioti (2015), o sexismo revela o funcionamento de uma estrutura de poder que coloca as mulheres em uma posição de subalternidade em relação aos homens.

Na tira, embora o personagem masculino tente argumentar o contrário do que disse antes – ao insinuar que as mulheres com tatuagem de rosa no ombro seriam desavergonhadas – o efeito de sentido gerado é de que há um posicionamento favorável por parte dele em relação a esse discurso, haja vista o fato de ser sido esse o modo como reagiu à notícia sobre a futura tatuagem da mulher. Isso é reforçado pela reação da mulher, ao se impor e levantar os braços, ocupando inteiramente o último quadro da tira.

Figura 5 – Tira 5: Grandona, relato de Nat.

GRANDONA, relato de Nat



Fonte: Abreu, Ito e D'Ângelo (2023, p. 84)

Na quinta tira, podemos ver a rejeição do homem em relação a assumir o namoro com a mulher, em função da altura desta ser maior que a dele. Segundo a visão do homem, tornar público tal relacionamento seria uma forma de rebaixá-lo. Aqui entram em conflito representações acerca do corpo masculino e feminino e, considerando as relações de poder a sustentarem a masculinidade hegemônica, o corpo masculino necessita passar a ideia de força, imponência e virilidade, atributos negados, caso a estatura do homem seja menor que a da mulher, pois esta carece da proteção masculina.

Assim, a posição de sujeito com a qual o personagem masculino se identifica entra em rede com outros discursos, enunciados e práticas assentadas na cultura patriarcal e que dizem respeito a uma corporificação da masculinidade. De acordo com Connel (1995), vivenciam-se as masculinidades a partir de tensões musculares, posturas, habilidades físicas e formas de se movimentar. Por meio dessa generificação dos corpos, um homem com aparência física menor que a mulher integra uma posição subalterna em relação à masculinidade hegemônica.

Essa conduta do personagem, compreendido aqui como um desdobramento da masculinidade tóxica, gera como consequência sofrimento psíquico à personagem feminina, pois esta se sente rejeitada e acredita que jamais será aceita em razão de sua altura. No último quadro, a referência à responsabilização da conta da terapia evidencia os danos ocasionados em

função da conduta adotada pelo homem. Ademais, com base em Illouz (2012), interpretamos a menção à terapia como um sintoma de toda uma cultura terapêutica marcada, principalmente, pela definição da vida afetiva como algo que requer manejo e controle e formas de regulação nos moldes de um ideal de saúde cujo mercado encontra-se em incessante expansão, o que pode ser observado no último quadro da tira, em primeiro plano, no valor da consulta com o profissional de saúde mental, hiperbolizada em uma cifra milionária. Se pensarmos a dívida como uma metáfora, ela não poderia sequer ser quitada, porque não teria como indenizar a gravidade do trauma sofrido.

A tira a seguir é a última da série que recortamos para o presente estudo.



Fonte: Abreu, Ito e D'Ângelo (2023, p. 83)

Fica em foco na tira que, desde as interações travadas via aplicativo de relacionamento, o personagem masculino mostra-se preocupado com o horário em que deve se alimentar. A dieta por ele seguida acaba por gerar desconfortos em sua saúde, desembocando na falha na hora do ato sexual. Porém, como vemos, o homem não consegue aceitar que é passível de falha e que, por diferentes razões, pode não concretizar o ato sexual. Isso se dá porque a masculinidade tóxica introjeta nos homens o ideal segundo o qual demonstrar fraqueza ou mesmo adoecer fere o *status* de virilidade. Como destacam Casadei e Kudeken (2020), esse padrão de masculinidade leva os homens a adotarem uma postura de descaso em relação à própria saúde, pois se expõem mais a situações de risco e resistem a buscar atendimento médico, principalmente na atenção primária.

O personagem da tira, mesmo não se sentindo bem de saúde, aceitar ir para o motel com a mulher, dando a entender que recusar esse convite poderia afetar a imagem viril que busca manter. O mesmo ocorre quando o ato sexual não é concretizado e o enunciado “isso nunca acontece” (outras formulações do enunciado poderiam ser “isso nunca aconteceu antes” “é a primeira vez que acontecesse isso”) é dito pelo personagem. Por meio de uma materialidade repetível, esse enunciado se dispersa em diferentes enunciações, nos mais variados suportes, e revela uma previsibilidade do comportamento masculino em situações de uma possível disfunção erétil. Em outras palavras, a falha masculina na conjunção carnal, no interior de uma cultura falocêntrica, é compreendida sempre como um fato episódico e inesperado e não como sintoma de um problema de saúde, o que nos mostra a atuação do poder performativo da masculinidade hegemônica.

No último quadro da tira, a personagem feminina evidencia o sentimento de decepção, ao receber a mensagem do homem com quem havia saído. Segundo ele, o jejum intermitente foi a causa de sua falha na cama. Além disso, o arquivo enviado em anexo à mensagem com as despesas do casal contraídas no fatídico encontro coopera para a construção do humor na tira, dado que, fica em destaque, uma falha também nas próprias expectativas de gênero construídas no âmbito dos relacionamentos afetivos heterossexuais, mais precisamente sobre quem deve pagar a conta.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo buscou analisar a construção de discursos sobre a masculinidade tóxica em tiras cômicas presentes na coletânea *Boy Dodói*, organizada por Bebel Abreu, Carol Ito e Helô D'Angelo. Seleccionamos seis tiras dessa coletânea e buscamos observar como o discurso humorístico emoldura posicionamentos discursivos a respeito da masculinidade tóxica. A partir do estudo, depreende-se que a masculinidade tóxica afeta não somente os homens, mas as mulheres com os quais eles mantêm algum tipo de relacionamento afetivo. Os discursos que emergem nas tiras esquadriham os comportamentos e condutas dos homens, enquadrando-os no âmbito de relações de poder inculcadas socialmente que não os possibilitam demonstrar fraqueza, respeitar as suas parceiras, entender que elas não precisam da autorização masculina para ter um posicionamento diferente, para gerir os seus corpos e a sua sexualidade, para desempenhar funções historicamente executadas por homens e ter a compreensão de que o trabalho doméstico não é responsabilidade apenas delas.

Por essa ótica, a posição de sujeito manifesta nas tiras em sua existência material e histórica e nas leis de possibilidade a permitirem a aparição desses enunciados na atualidade nos fazem observar um efeito educativo nessas materialidades discursivas. Nesse sentido, as tiras não somente retratam fatos, de modo irônico, mas suscitam possibilidades de mudanças, principalmente quando levamos em conta que se trata do humor gráfico produzido por mulheres conforme o relato de vivências de outras mulheres. Nas tiras examinadas, observamos posturas ativas de mulheres que resistem às violências contra ela perpetradas, impondo-se contra as diversas formas de dominação e de perpetuação das desigualdades de gênero. Essas mulheres se recusam a serem conduzidas pelas relações de poder marcadamente patriarcais e recriam práticas de liberdade.

Por fim, encerramos este estudo com o desejo de que outros trabalhos possam se voltar para a temática aqui discutida. Num país tão violento para as mulheres como o Brasil, investir em reflexões como esta mostra-se cada vez mais essencial e necessário. Ademais, importa fechar com o anseio de que transformações possam acontecer nas relações entre os gêneros e que se possa criar mecanismos para investir num futuro mais justo para mulheres e homens. Como salienta Connel (1995, p. 205), “no dia em que fotografias com homens carregando armas se tornarem raras e fotografias com homens empurrando carrinhos de bebê se tornarem comum, aí realmente saberemos se chegamos a algum lugar”.

REFERÊNCIAS

ABREU, Bebel; ITO, Carol; D'ÂNGELO, Helô. **Boy Dodói**: histórias reais e ilustradas sobre masculinidade tóxica. São Paulo: Bebel Books, 2023.

CABRERA, Isaque do Nascimento. **Masculinidades adquiridas**: análise do discurso publicitário e suas soluções para os problemas da masculinidade tóxica. 148 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte: Natal, 2023.

CASADEI, Eliza Bachega; KUDEKEN, Victoria Sayuri Freire dos Santos. A masculinidade tóxica no discurso da saúde pública: estratégia de convocação dos homens em campanhas do SUS. **Reciis**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 912-925, 2020.

CONNEL, Robert W. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995.

CONNEL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, 2013.

CRESCÊNCIO, Cíntia Lima. As mulheres ou os silêncios do humor: uma análise da presença de mulheres no humor gráfico brasileiro (1968-2011). **Ártemis**, João Pessoa, v. XXVI, n. 1, jul-dez. 2018.

EAGLETON, Terry. **Humor**: o papel fundamental do riso na cultura. Trad. Alessandra Bonrruquer. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2020.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Foucault**: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-250.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos IV**: Estratégia, Poder-Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber, v. 1. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FIGUEIRA, Diego; RAMOS, Paulo. Maleabilidade de formatos: como as tiras cômicas se adaptaram às demandas das redes sociais. **Revista do GELNE**, v. 25, n. 1, jun. 2023.

GABRIEL, Victor Hugo dos Santos; NAVARRO, Pedro. Apontamentos sobre uma cartografia discursiva das masculinidades e o enunciado rizomático em práticas futebolísticas contemporâneas. In: BUTTURI JUNIOR, Atílio; FERNANDES, Cleudemar Alves; BRAGA, Sandro (orgs.). **Cartografias do contemporâneo**: crises de governamentalidade? Campinas, SP: Pontes editores, 2023. p. 309-338.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

NASCIMENTO, Tathiane Oliveira do. Debate teórico sobre a construção do cabra-macho e da masculinidade tóxica. **Diversidade e Educação**, Rio Grande, v. 12, n. 1, p. 524-548, 2024.

OLIVEIRA, Fábio de Araújo; SANTOS, Nádia de Jesus. O discurso sobre a masculinidade tóxica em uma campanha publicitária governamental. **Revista do GELNE**, Natal, v. 24, n. 1, p. 136-147, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/26319/15768>. Acesso em: 24 jan. 2024.

PASSETTI, Edson. Foucault e a intromissão na ordem do discurso. In: DIAS, Rosimeri de Oliveira; RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. **Ordens do discurso**: comentários marginais à aula de Michel Foucault. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020. p. 51-67.

PIRES, Maria da Conceição Francisca. Outras mulheres, outras condutas: feminismos e humor gráfico nos quadrinhos produzidos por mulheres. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 21, n. 39, p. 71-87, jul-dez. 2019.

RAMOS, Paulo. **Faces do humor**: uma aproximação entre piadas e tiras. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2011.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular/Fundação Perseu Abramo, 2015.